



Uma discussão em movimento, uma movimentação importante: notas sobre o antagonismo em torno da figura do cangaço

Antônio Robson de Oliveira Alves¹

RESUMO

Uma temática que recebeu e ainda recebe muita atenção dentro do campo de estudos sobre o banditismo é o cangaço e esse tem como figura basilar o cangaceiro. Assim, esse texto visa percorrer as discussões que se formularam ao longo dos anos sobre o cangaceiro, suas ações desnudadas evidenciam visões difusas e discordantes, pois de um lado é tido como herói, e do outro como vilão, bandido e facínora. Com isso, iremos percorrer por estas discussões visando ampliar o norte teórico e mapear as arguições feitas até aqui, dialogando com autores e áreas do conhecimento humano, buscando salientar a importância dos estudos sobre o banditismo na região Nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Cangaço. Banditismo. Nordeste.

A moving discussion, an important move: notes on the antagonism around the figure of the cangaceiro.

ABSTRACT

A theme that received and still receives a lot of attention within the field of banditry studies it is the cangaço and this has as its basic figure the cangaceiro. Thus, this text aims to review the discussions that have been formulated over the years about the cangaceiro, his naked actions show diffuse and dissenting views, as on the one hand he is regarded as a hero, and on the other as a villain, a bandit and a thug. With that, we will go through these discussions aiming to broaden the theoretical north and map the allegations made so far, dialoguing with authors and areas of human knowledge and seeking to highlight the importance of studies on banditry in the Northeast region of Brazil.

Key-words: Cangaço. Banditry. North East.

¹ Graduado em História e mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Professor de História do Centro Educacional de Aprendizagem Moderna – CEAMO, e do Over, Colégio e Curso. Link do currículo: <http://lattes.cnpq.br/0020718317917150>



1 HERÓI OU BANDIDO?

Estamos situados em uma região bastante rica em história, cercada por crenças e superstições, o povo que aqui habita, serpenteia entre as veredas da seca, da diversidade cultural, fome e conflitos sociais. Contudo, devemos pensar a região que hoje é denominada de Nordeste baseando-se nas assertivas de Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2009, p. 25-26),

A região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço. Na luta pela sua posse. Na luta pela posse do espaço ele se fraciona, se divide em quinhões diferentes para os diversos vencedores e vencidos; assim a região é o botim de uma guerra.

Entendendo, assim, a conotação política existente através do discurso da região, devemos pensar além da geografia e espacialidade, pois as fronteiras territoriais possuem um caráter eminentemente histórico. O Nordeste é associado, em muitos casos, a pobreza, ao atraso intelectual e demais sinônimos que são vinculados, em sua maioria, com o problema da seca.

Nesse contexto de instabilidade social, onde as questões climáticas afetam a maneira de viver e de se relacionar, surge o cangaceiro, o qual, traz consigo uma dicotomia: vistos por uns como foras da lei (bandidos) e por outros como heróis e justiceiros. Estes fomentam ideários e firmam-se na história como personagens controversos, aumentando, com isso, a série de discussões que se formulam, buscando compreender as motivações para o ingresso em uma vida de penúria e agitações, a qual espreitava cotidianamente a morte.

Pensar numa figura emblemática como o cangaceiro é algo bastante desafiador, mesmo em meio ao extenso material formado e já discutido. As implicações que esse personagem tem para a história e sua relação atual, em diversos Estados, com a cultura e a economia, nos faz pensar sobre como as autoridades públicas, com suas políticas expansionistas, tem usufruído da memória do cangaço e as transformado de forma furtiva, em um meio rentável, com pretensões financeiras. Assim, o capital simbólico² que tramita essa temática tem se tornado um agente solidificador das mais variadas formas de expansão do

² Capital simbólico, refere-se ao simbolismo e ao que personagens e até mesmo objetos, possuem de representativo para um determinado povo. Dessa forma, entender a simbologia que encontra-se em figuras como os cangaceiros torna-se crucial para compreender como estas (simbologias) criam os mais variados discursos sobre estes e como, mesmo distantes temporalmente, ainda permanecem vivos na história e memória do povo. Para compreender sobre o capital e trocas simbólicas, ver: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Martins Claret. 2007



poder e contribuído para a disseminação de remanescentes escolhidos, datados e fixos, os quais possuem um fim já traçado: o de lembrar para não esquecer.

O cangaço é reconhecido nas produções que se destinam a analisá-lo como um tema de evidente importância para a história da região Nordeste do Brasil. Visto que esse, reportamos para questões de suma importância da nossa história, como: seca, conflitos sociais e divergências políticas. Com isso, inúmeras obras buscam explicar o que esse acontecimento foi e os desdobramentos desse na sociedade e na história. Em meio a tantos trabalhos de excelente discussão torna-se difícil elencar os melhores, dessa feita, uma visão ampla nos será necessária para buscarmos pontuar o que entende-se sobre cangaço, e como o cangaceiro é visto, assim como, entender a influência dessa figura na construção cultural do nosso tempo.

A ambiguidade existente no cangaço e nas visões que vão ser construídas dos cangaceiros é algo visível na literatura sobre o tema. Ações de grupos no sertão nordestino é algo que antecede e muito o próprio Lampião e os seus “cabras”, embora os escritos destes sejam escassos e pouco acessíveis. Exemplo vivaz dessa assertiva é a obra intitulada *Cabeleira*, publicada em 1876 de Franklin Távora, a qual remonta sobre a vida errante de José Gomes, conhecido comumente como Cabeleira. Távora insere em sua narrativa, elementos que se tornariam fundantes para se pensar nos bandos que surgiram após Cabeleira, como é o caso da vingança como fator crucial para a entrada na vida do crime, bem como a traição como agente impulsionador dos delitos³. Seguindo o rastro deixado por Távora, Rodolpho Theophilo narra, em sua obra *Os Brilhantes* de 1885, sobre a vida de Jesuíno Brilhante, epíteto de Jesuíno Alves de Melo Calado, inserindo outro ator no campo do banditismo que ainda veria outros elementos crivarem sua história.⁴

Cabeleira e Jesuíno Brilhante encenam um enredo repleto de sedução e fascínio, pois suas ações vão ser lembradas como corajosas e até, em alguns momentos, bondosas. A construção do “bom bandido” se faz presente nos escritos que se debruçaram sobre estes, glorificar e expandir suas ações vão ser essenciais nesse intento. Assim, cantigas, contos, cordéis, e afins, vão recontar façanhas e histórias sobre estes bandoleiros e que embora pouco lembrados, jazem como importantes para se pensar em ações delituosas que já ocorriam por onde passavam. Outro nome que se ergue com tenacidade é o de Antônio Silvino, que viu seu nome ser inscrito como um dos cangaceiros mais importantes entre o final do século XIX e o início do XX, onde sua atuação foi massivamente publicada pela imprensa que tinha como

³ Ver: TÁVORA, Franklin. **O cabeleira**. São Paulo: Ática, 1988.

⁴ Ver: THEOPHILO, Rodolfo. **Os brilhantes**. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972.



pretensão mapear e dar nota de suas ações⁵. Os contos vão ser muitos e evidenciam o olhar que vai ser construído acerca das ações desse sujeito, num trecho escrito no livro *As proezas de Antônio Silvino*, que tem como autor Leandro Gomes de Barros, publicado no ano de 1908, traz palavras do cangaceiro de como enveredou na vida errante do cangaço:

Eu hoje podia ser
Um distinto cavalheiro
Mas a justiça faltou-me

Devido a não ter dinheiro,
Meu pai foi assassinado
Eu para me ver vingado
Fiquei sendo cangaceiro

Eu achei um desaforo
E uma falta de ação
Um cabra matar meu pai
E nem dar satisfação
Matei e o fiz em postas
Abri ele pelas costas
Arranquei-lhe o coração (BARROS, 1908, p. 2).

Em formato de poema, as razões para entrar na vida do crime perpassam pela necessidade de vingar a morte do pai, que em valentia ferrenha estripa o mal feitor arrancando-lhe o coração em ação enérgica e resoluta. Rodolpho Theophilo escreve uma menção parecida sobre Jesuíno Brilhante:

A sua família, como todas as famílias sertanejas, não deixava de ter suas rixas, intrigas, motivadas em sua maioria pela política. O Brilhante, entretanto, vivia alheio às lutas, porque seu gênio, como ele dizia, não dava para brigar [...]. Uma mudança radical havia se operado naquela criatura. Portador da neurose de homicídio, herdada de um de seus ascendentes maternos, mas, até então, em estado latente, Jesuíno teria talvez logrado viver sem matar, se não tivesse sido testemunha do assassinato de seu parente (THEOPHILO, 1972, p. 76).

Seja Jesuíno, ou até Antônio Silvino, as justificativas para o ingresso no banditismo é bastante recorrente na literatura, existem eixos explicativos que visam dar conta das motivações destes sujeitos no início de sua carreira criminal, alguns abordam que o meio em que estes viviam formaram a índole criminoso desses indivíduos, outros buscam elucidar a ciência, como é o caso da Antropologia Criminal, como forma de mostrar as ações destes

⁵ Para uma compreensão e maior discussão sobre a vida e feitos de Antônio Silvino, ver: WIESEBRON, Marianne L. *Antônio Silvino, cangaceiro do Nordeste*: sapériode d'activités, 1897-1914, Thèse de troisième cycle, janvier 1980; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Os cangaceiros*. São Paulo. ed. duas cidades, 1977; BAPTISTA, Pedro. *Cangaceiros do Nordeste*. Parahyba do Norte, Livraria São Paulo, 1929



como doença ou predisposição para o crime, e ainda existe o eixo explicativo que entende o cangaço e as ações destes grupos como sendo uma insurreição classista⁶.

Estes homens servem como inspiração, retratando as lutas constantes num momento onde a pobreza se sobressai, os bandoleiros, assim, vão se tornar figuras hercúleas e que se firmam através de contos escritos em seus nomes. “O imaginário sertanejo deu formato de epopeia às narrativas dos confrontos entre valentes, mitologizados como símbolos da coragem do homem sertanejo” (BARROS, 1998, p. 160). A dinâmica dos escritos sobre os cangaceiros entra numa esteira de trabalhos que vão ser desenvolvidos na literatura por diversos autores que homogeneizam discursos na intenção de criar um espaço ímpar e diferente, nasce nesse interim o Nordeste. No pós-1910 o saudosismo, aliado a memória, resgata tradições, hábitos e práticas que intentam construir um produto a ser conhecido e reconhecido enquanto espaço⁷ de destaque, repleto de representações que vão se delineando conforme os escritos desses autores se desenrolam. Durval Muniz de Albuquerque Júnior trata o cangaço como um dos componentes que integram a construção regional, uma identidade que é forjada sob os auspícios de obras que faziam parte da literatura do Norte.⁸

Essa literatura ganha uma marca diferenciada: ela, em grande parte, foi escrita por autores contemporâneos dos cangaceiros, e por isso, suas narrativas são repletas de paixão e entusiasmo. Gustavo Barroso é um exemplo desse tipo de autor, cearense e contemporâneo de Lampião e Silvino, Barroso escreveu inúmeras obras sobre assuntos relacionados ao Nordeste, inserindo nessas discussões o cangaço com primazia.⁹ A importância dos seus escritos se inserem na construção folclórica que é dada ao cangaço e dos seus representantes, como responsáveis pelo alvorecer de um conjunto de ações que podem ser lidas como revoltas de um povo cansado do julgo da miséria que lhes era imposta. As críticas que recaem sobre Barroso são inúmeras e, em sua maioria, se assentam no pouco uso do autor de fontes

⁶ Para uma compreensão mais extensa dessas motivações, ver: CARNEIRO, Gabriel de Campos. **No Rastro dos Cangaceiros**: em busca de novas trilhas para a apreensão de um movimento social. (Dissertação de Mestrado) – Universidade de Brasília/UNB, Brasília, 2010.

⁷ Enquanto *espaço*, estamos nos alicerçando no conceito trabalhado por Michel de Certeau que denota uma amplitude maior para espaço em detrimento de lugar. O espaço é um lugar onde existe a modificação constante da ação humana. É no espaço que os indivíduos constroem suas vivências e essas interações modificam esse espaço, pois ele é constituído e delimitado por esses agentes. Sendo assim, não é algo meramente físico, mas é também simbólico. Para uma maior discussão, ver: CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

⁸ Para compreender melhor como o cangaço se tornou um dos elementos representativos do Nordeste, ver: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife, PE: FJN, Ed. Massangana, São Paulo, SP: Cortez, 2001

⁹ Para compreender a visão de Barroso sobre o cangaço, ver: BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1917; BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e de aço**. São Paulo. ed. Melhoramentos, 1930



confiáveis, fato que é perceptível em trabalhos como *À margem da história do Ceará* de 1962, bem como em sua primeira obra *Terra do Sol*, de 1912, na qual já versa em poucas linhas sobre o cangaço.

Em consonância com Barroso e bastante influenciado por esse, nos deparamos com os escritos de Xavier Oliveira que em sua obra *Beatos e Cangaceiros. História real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do Norte*, de 1920, reconta como, em sua visão, os cangaceiros da região do Cariri enveredavam na vida do cangaço e tinham ações honráveis por causa da influência do Padre Cícero e de beatos locais que corroboravam para que estas “cabras” não cometessem violência desenfreada. No calor do momento, outro autor que conduz a sua escrita baseada na vivência e contato com os cangaceiros foi Manoel Candido, que escreveu a obra *Factores do Cangaço de 1910 a 1930*, publicada no ano de 1934, e que remonta a partir do seu lugar de origem, Pernambuco, os eventos que levaram Antônio Silvino, Sinhô Pereira e Lampião a entrarem na vida do cangaço.

A partir da década de 1930, José Lins do Rêgo começa a escrever sobre seu contato com os cangaceiros. Literato importante, suas obras entram num panorama de manuscritos que versam sobre o regionalismo e apresentam o cangaço como um dos polos principais que caracterizam esse espaço. Assim,

Em Franklin Távora e José Lins, o interesse pela figura do cangaceiro surge, portanto, no mesmo solo ideológico e cultural que informa suas concepções de espaço e de literatura regionais. O cangaceiro, como tipo legendário da tradição cultural popular nordestina, constitui uma das expressões mais genuinamente regionais, representando, por extrapolação, o que o país tem de mais peculiar em suas raízes (FARIAS, 2006, p. 186).

É importante visualizarmos que o cangaço nas obras de Lins do Rêgo é algo que vai ganhando cores e tons conforme os anos de sua produção vão se desenhando. A primeira obra que cita de forma ainda tímida o cangaço é no romance memorialístico *Menino de Engenho* (1932), e seguindo o contato com esse tema noutra obra *Fogo Morto* (1943) e por fim, dedica um volume exclusivo para o fenômeno em *Cangaceiros* (1953). É nesse cenário que percebemos a transformação de um elemento social “externo” para “interno”, modificando o fato para outra dimensão, como é proposto por Antônio Candido em *Literatura e Sociedade* (2014): “saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética, que assimilou a dimensão social como fator de arte” (CANDIDO, 2014, p. 17).



Nas obras de cordel, é visível a construção de heroísmo a figuras como Lampião, Jesuíno Brilhante, Corisco, dentre outros, que firmam seu nome através dos seus atos. Mark Curran nos mostra isso:

O cangaceiro é o herói por excelência [...] Nas obras cordelianas contemporâneas, é visto como o tipo heroico legítimo, maior do que a vida, verdadeiro cavaleiro do sertão (...) Mais do que em qualquer outro tema do cordel, vê-se aqui o processo folclórico de idealizar a realidade, convertendo-a em mito ou lenda (CURRAN, 2001, p. 61).

Vemos o enaltecimento sobre os atos e ações dos cangaceiros por cordelistas, esse tipo de trabalho, criou e ainda nos dias atuais, continua influenciando muitos ideários sobre os bandos de cangaceiros. De fácil acesso, essas produções espalham-se rapidamente, e sua narrativa, carregada de eufemismos e atenuações, tornam-se meio fácil de apreensões e perpetuações de conotações bastante pretenciosas, onde muitas vezes, o enobrecimento do cangaceiro, evidencia o desconhecimento real das ações destes bandos.

Mediante a criação efetuada do cangaceiro, encontramos diferenças entre os bandos. Lampião, com sua trupe, são considerados, em muitas obras, como os mais cruéis e temíveis, odiáveis por não fazerem diferença entre rico e pobre, maltratando e desonrando quem quer que seja no intuito de poder e reconhecimento. Na obra de Frederico Pernambucano de Mello (2004), encontramos uma distinção importante entre os vários bandos formados e os seus principais representantes, como é o caso, por exemplo, de Jesuíno Brilhante, conhecido também como o cangaceiro romântico,¹⁰ o qual ao lado de Antônio Silvino e Sinhô Pereira, agiam de forma benigna, visando, segundo Frederico Pernambucano, apenas os ricos e se vingar dos que, os impulsionaram a adentrarem na vida do cangaço.¹¹ A com isso, um rompimento nas tradições, onde os precursores do cangaço no Nordeste dão lugar ao famigerado Lampião, que com seu bando cruento trazem terror e atacam a contenda.

Outro autor que possui espaço na discussão sobre cangaço, e, mais especificamente sobre banditismo, foi Hobsbawm. Em suas celebres obras, *Rebeldes primitivos* e *Bandidos*, o autor faz uma ampla discussão buscando elementar bases teóricas para um fenômeno que,

¹⁰ O principal percurso dessa ideia de romantismo sobre o cangaceiro Jesuíno Brilhante foi Raimundo Nonato, o qual, defendia o pensamento de bom caráter desse cangaceiro, o qual, era muitas vezes visto como justiceiro, e defensor dos pobres. Ver: NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brilhante- O cangaceiro Romântico (1844-1879)**. Editora Fundação Guimarães Duque, Coleção Mossoroense Série “C”, Volume 1529. Edição 3ª. 2008.

¹¹ Os três cangaceiros citados, Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Sinhô Pereira, são anteriores a Lampião, o que traz à tona debates acalorados na historiografia sobre o rompimento que houve na tradição dos cangaceiros quando Lampião assume o posto do mais violento e temível cangaceiro. Ver: MELLO, Frederico Pernambucano de. 2004. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. Prefácio de Gilberto Freyre, São Paulo: A Girafa Editora.



segundo ele, é social. Hobsbawm definiu a existência de três tipos de bandidos e os cangaceiros são classificados como os “vingadores”. Essa visão é defendida no seguinte trecho de sua obra:

[...] o banditismo social constituiu fenômeno universal, que ocorre sempre que as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris), e mobiliza principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados – por senhores, burgos, governos, advogados ou até mesmo bancos (HOBSBAWM, 1975, p. 12).

Hobsbawm (1975) estimula uma visão do bandido como figura nobre, retomando as argumentações iniciadas em primeiro momento na sua obra *Rebeldes Primitivos*, onde o autor se utiliza de lendas e da literatura popular como fonte primária e principal. Fazendo uma conexão com essa perspectiva o vingador era frequentemente cruel e violento, todavia, suas ações são justificáveis pois esse foi humilhado e tinha que se vingar. A vingança é a resposta à honra que fora deflorada, dilacerada e desrespeitada, que seria preciso o uso da força desmedida para suplantar os desaforos outrora feitos.

Hobsbawm (1975) estabelece o banditismo social como um fenômeno universal, salientando que a situação dos camponeses é praticamente a mesma em todo o mundo. Quando a sociedade tribal se modificou e nasce o parentesco familiar como guia, a vingança por atos cometidos contra os membros da família se torna via de regra para os bandidos. Aqui, entra num conceito que faz parte de sua formação, o de *luta de classes*¹², em que, numa sociedade rural, versa no embate entre senhores (fazendeiros, proprietários rurais, oligarquias e até mesmo o Estado), contra os camponeses (vaqueiro, sertanejo e por conseguinte, cangaceiro), sendo estes últimos heróis por sua revolta contra os poderosos.

É bom lembrar que numa análise tão ampla feita por esse autor, esse acaba não conseguindo, com precisão, respeitar as diferenças locais, pois cada caso deve ser analisado conforme as especificidades e ambientações daquele espaço. Exemplo disso é que, na visão de Hobsbawm (1975), os bandidos sonham com um mundo melhor, mais igualitário. No caso do cangaço há um vínculo que os une, que é tido como irmandade e que por isso, poderia ser alinhado as arguições de Hobsbawm (1975), o próprio Benjamin Abrahão, que acompanhou o bando por alguns meses, constatou que havia uma harmonia, união e disciplina no bando de

¹² Para uma compreensão melhor sobre como o conceito de *classe social* e *lutas de classes* são trabalhados a partir dos historiadores ingleses, dentre eles Hobsbawm, ver: CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. **Dos homens sendo e tornando-se: Tradição e experiência em E.P Thompson**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Ceará, 2002.



Lampião, pontos que o impressionaram muito¹³. Todavia, essas características que são interpretadas como imanentes aos cangaceiros e bandidos podem ser questionadas a partir dos relatos feitos por *Volta Seca*, cangaceiro do bando de Lampião que cedeu entrevista ao jornal *O Globo* em novembro de 1958, e no seu relato, o grupo era coeso por imposição do próprio Lampião que exigia dos cangaceiros um comportamento ilibado, como se fossem irmãos e aqueles que fugiam dessa regra eram castigados, e poderiam até serem condenados à morte¹⁴.

Para entender essa falta de igualdade entre os cangaceiros, os relatos de *Volta Seca*, testemunha ocular de dentro do bando, são importantes e se fazem necessárias para uma compreensão mais ampla das peripécias do bando:

É preciso, porém, ficar esclarecido que nem sempre Lampião usava do recurso de matar os outros a tiros. Ele gostava, também, e muito, de mandar dar surras que, aplicadas conforme ele determinava, geralmente matavam. As surras eram dadas por três ou quatro cabras que, empunhando terríveis umbigos-de-boi, davam com vontade no infeliz, até que ele perdesse os sentidos. Lampião gostava de ver e mesmo de espancar um sem-vergonha, termo com que ele designava os que não o obedeciam à risca (QUEIROZ, 1977, p. 167).

A partir das descrições de *Volta Seca* fica patente que não havia igualdade entre todos os membros do bando, no rígido tratamento de Lampião para com os seus asseclas, só os que o obedeciam à risca se safavam de um destino cruel e doloroso. Outra demonstração da falta de tratamento igualitário entre os cangaceiros se alicerça na figura de Maria Bonita que, segundo Wiesebron, tinha seu próprio secretário-empregado. (1990, p. 78)

Os embates sobre o cangaceirismo, certamente se estenderá por muitos anos, mesmo diante de um extenso arsenal de obras, as concordâncias e divergências estendem-se amplamente e com isso, as construções e desconstruções serão corriqueiras. Todavia, deve-se pensar o sujeito histórico que encontra-se por trás do já produzido conceito de cangaço, ao englobar todos em um único parâmetro, muitos esquecem de contextualizar esse indivíduo dentro do seio social que lhe ampara, dissociando-o das convergências políticas e econômicas que se aglutinavam. Porém, em muitos casos, a concepção e perpetuação de um cangaceiro sanguinário e impiedoso se dá para que sua imagem possa tomar mais vigor e o seu simbolismo esteja ligado ao bandido, aquele que deve ser impedido, resistido e vencido.

Nessa trilha que seguimos até aqui nos envolvemos em diversas obras que versaram sobre o cangaço de forma ora participativa, comprando suas ações e acatando seus feitos, ou

¹³ Para saber mais, ver: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamin Abrahão**: entre anjos e cangaceiros. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

¹⁴ Entrevista citada por Queiroz, eu sem livro *Os cangaceiros*, ver: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Os Cangaceiros**. Tradução da Autora. São Paulo: Duas Cidades, 1977.



acusativa, instigando questionamentos e asseverando julgamentos. Transitamos por obras memorialísticas, bem como literárias, que massificaram ideários sobre os cangaçeiros e num instinto de mapear acabaram orquestrando a construção de uma identidade para estes indivíduos que tinha como espaço de ação os sertões das provinciais no ainda Império, do Norte, que tinha como principais representantes Cabeleira e Jesuíno Brilhante, e na República, já no processo de construção do Nordeste, nascem nomes famosos como Antônio Silvino, Sinhô Pereira, Lampião e Corisco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao enveredarmos no vasto campo de estudos sobre o cangaço, lidamos com outros temas que se aproximam e fazem do cangaço um assunto ainda mais amplo e sinuoso. Um exemplo bastante sólido dessa assertiva é o coronelismo, que adentra como agente solidificador da temática do cangaço. Essa relação – coronelismo e cangaço – já conta com um arsenal conciso de estudos que buscam trazer luz sobre os meandros que tecem o contato entre os bandos e os coronéis, fato que é percebido na transição do século XIX para o XX e que ganha força conforme os coronéis se sentiam ameaçados de perder o seu mando nos municípios e para isso se alicerçavam nas armas das trupes que encarregavam-se de reprimir e fazer valer a sua autoridade.

Nesse interim, os proprietários de terras vão se alicerçando e estabelecendo conexões que seriam cruciais no mantimento do seu poder. Tal urdidura, ultrapassou os interstícios da história brasileira, se fortalecendo numa conexão mais vivida ainda durante o período republicano. Na verdade, “o coronelismo passou a significar um complexo sistema de negociação entre esses chefes locais e os governadores dos estados, e destes com o presidente da República”, mas que um simples sistema, a figura do coronel possuía importante função, pois “seria um dos elementos formadores da estrutura oligárquica tradicional baseada em poderes personalizados e nucleados, geralmente, nas grandes fazendas e latifúndios brasileiros” (SCHWARCZ; STARLING, 2018, p. 322).

Embora nos seja salutar citar o fenômeno do coronelismo e correlaciona-lo ao cangaço, devido a extensa produção sobre a temática e as discussões dispares existentes sobre o mesmo, não é possível, dentro da proposta desse texto, revisitar todos os autores e vertentes teóricas já estabelecidas sobre o assunto, mas fica aqui essa possibilidade de discussão, e até de revisão bibliográfica, já que, assim como o cangaço, o coronelismo discute não só sobre



períodos anteriores da história do Brasil, como é o caso do período colonial e dos *homens bons*¹⁵, gênese do poder político nas mãos de proprietários rurais no Brasil, mas se firma como uma temática sensível pra se pensar Nordeste, patriarcalismo e mandonismo¹⁶.

No que tange o cangaço, é no início do século XX que uma das figuras mais emblemáticas e conhecidas da história do banditismo no Brasil vai ser elevada: Lampião. Se o cangaço enquanto fenômeno endêmico da região Nordeste possui várias obras que visam explicá-lo, um dos agentes responsáveis por esses estudos foi Lampião.

Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, é uma figura complexa e bastante biografada. Aclamado por uns e odiado por outros, o rei do cangaço, como é lembrado, tornou-se símbolo de desordem e coragem nos sertões nordestinos no início do século XX. Embora o cangaço não tenha começado com ele, é através de suas ações que esse fenômeno se tornou conhecido e estudado. Um exemplo de expansão do conhecimento do cangaço além das fronteiras brasileiras se encontram numa publicação da revista britânica *The Economist*, que no ano de 1993, fez uma menção ao famoso cangaceiro: “Lampião, Brazil’s backlands bandit of the 1920s, is still remembered fondly in some parts as an occasional justice-maker” (*THE ECONOMIST*, 1993, p. 45). No trecho citado, a revista relembra um dos fatos mais comentados sobre a vida do cangaceiro: que ele é lembrado em muitas partes como símbolo de luta pela justiça.

Assim como a temática e discussão aqui defendida, Lampião é um dos alicerces para se pensar nas visões destoantes existentes sobre os cangaceiros, pois ele iniciou uma fase mais truculenta e expansiva do cangaço, em ações que ficaram eternizadas, como é o caso de Mossoró/RN, que resistiu ao bando do famoso cangaceiro em 1927, fato ainda hoje louvado em peça teatral e eternizado em monumentos que visam preservar a memória em torno desse evento¹⁷. É fato que o trabalho desenvolvido não buscou fazer julgo de valor e responder a pergunta que a muito tempo é feita: afinal, o cangaceiro é bandido ou herói? Certamente ainda

¹⁵ Para uma maior compreensão sobre os homens bons, ver: COMISSOLI, Adriano. **Os “homens bons” e a Câmara de Porto Alegre (1767 – 1808)**. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006. Ver também: CUNHA, Fernando. **Elites Políticas Municipais no Brasil-Colônia: Homens-bons da Curitiba setecentista**. (Dissertação de Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

¹⁶ O célebre estudo de Victor Nunes Leal nos auxilia a pensar sobre o fenômeno do coronelismo, ver: LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. – 4ª edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Para uma discussão mais criteriosa e baseada numa revisão concisa, ver: CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Cionceitual. **DADOS**, RIO DE JANEIRO, v. 40, n.2, p. 229-250, 1997.

¹⁷ Para uma visão mais ampla de como os lugares de memória foram estabelecidos em Mossoró/RN, ver: ALVES, Antônio Robson de. Lugares de Memória: a relação entre a memória e os espaços físicos em Mossoró/RN. **Revista Eletrônica discente História.com**. Cachoeira, v.4, n. 8, p. 95-107, 2017.



iremos trilhar muitas discussões que defendem pontos de vistas e opiniões que partem de lugares sociais e culturais definidos e que por isso protegem ou recriminam os cangaceiros.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4 Ed. Ver. São Paulo: Cortez, 2009.

BARROSO, Gustavo. **À margem da história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.

BARROSO, Gustavo. **Terra do Sol: natureza e costumes do Norte**. 5ª ed. Livraria São José, Rio de Janeiro 1912.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Martins Claret. 2007.

BRAZ, Emanuel Pereira. **A Abolição da Escravatura em Mossoró: pioneirismo ou manipulação do fato**. 1º ed – Mossoró, RN: Fundação Vingt-um Rosado, 1999.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional**. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. v. 5. – jan./dez. 1997.

CANDIDO, Manoel. **Factores do Cangaço de 1910 a 1930**. São José do Egito, Pernambuco, 1934

CARVALHO, Sadraque Micael Alves de. **Um lugar (in)existente: o “pais de Mossoró” nas tramas da consciência histórica**. UFRN, 2012. (Dissertação de Mestrado)

CASTRO, Carla Yara Soares de F. **O Corredor Cultural: espaço de materialização da exclusão social em Mossoró-RN**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2012

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre Práticas e Representações**. 2ª ed. DIFEL, 1988.

CHOAY, Françoise, 1925 – **A alegoria do patrimônio** / Françoise Choay : Tradução de Luciano Vieira Machado. Ed. – São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da USP, 2001

FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à partida. In: **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, Lda. 1989.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.



HOBBSAWM, Eric. **Rebeldes Primitivos**: estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales em los siglos XIX y XX. Editora ariel, S.A, 1963.

HOBBSAWM, Eric. **Bandidos**. Editora forense: Rio de Janeiro, 1975.

LEE GOFF, Jacques. 1924 – **História e Memória**. 5ª Edição, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Os Cangaceiros**. Tradução da Autora. São Paulo: Duas Cidades, 1977

MELLO, Frederico Pernambucano de. 2004. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. Prefácio de Gilberto Freyre, São Paulo: A Girafa Editora.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Benjamin Abrahão**: entre anjos e cangaceiros. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **A problemática da identidade cultural nos museus**: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). Anais do Museu Paulista. São Paulo. Nova Série. Nº 1. 1993.

NONATO, Raimundo. **Jesuíno Brillhante- O cangaceiro Romântico(1844-1879)**. Editora Fundação Guimarães Duque, Coleção Mossoroense Série “C”, Volume 1529. Edição 3º. 2008.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, Jacques. **História**: novos problemas. – Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1995.

NORA, Pierre.. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. IN: LE GOFF, Jacques. **História**: novas abordagens. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988

OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e Cangaceiros**: história real, observação pessoal e impressão psychologica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste, Rio de Janeiro, 1920

REGO, José Lins. **Cangaceiros**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora., 2010.

REGO, José Lins. **Fogo Morto**. 60. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

REGO, José Lins. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

SANTOS, Antônia Edneuma dos. **A construção do discurso de liberdade a partir dos elementos emblemáticos mossoroense**: Reflexões sobre a seleção e apropriação do patrimônio material e imaterial abolicionista. Encontrado em :< > Acesso: 25/11/15

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **A “Estratigrafia do Abandono” em dois museus públicos potiguares**. O público e o privado – nº. 12 – Julho/Dezembro – 2008

THEOPHILO, Rodolfo. **Os brilhantes**. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC, 1972



VALENSI, Lucette. **Fábulas da Memória**: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do sebastianismo; tradução Maria Helena Franco Martins. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

WIESEBRON, Marianne L. Cinquante ans après la mort de Lampião. **L'habit (ne) fait (pas)**, Taíra, n° 2, 1990.